



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO

REPORTAGEM ESPECIAL SENTENCIADOS:
UM RETRATO DO SISTEMA PENITENCIÁRIO DA PARAÍBA

LARISSA MAIA LIMA

JOÃO PESSOA

2021

LARISSA MAIA LIMA

REPORTAGEM ESPECIAL SENTENCIADOS:
UM RETRATO DO SISTEMA PENITENCIÁRIO DA PARAÍBA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Orientadora: Dra. Fabiana Cardoso de Siqueira

JOÃO PESSOA

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732r Lima, Larissa Maia.

Reportagem especial Sentenciados: um retrato do Sistema Penitenciário da Paraíba / Larissa Maia Lima. - João Pessoa, 2021.
48 f. : il.

Orientação: Fabiana Cardoso de Siqueira.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo - TCC. 2. Jornalismo audiovisual. 3. Reportagem - Produção. 4. Sistema Penitenciário - Reportagem - Paraíba. 5. Sistema Carcerário - Ressocialização. I. Siqueira, Fabiana Cardoso de. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 070(043.2)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO
DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

ATA DE APROVAÇÃO

Este trabalho foi submetido à avaliação da Banca Examinadora composta pelos professores abaixo relacionados, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Aluno(a): Larissa Maia Lima

Título do trabalho: Reportagem especial Sentenciados: um retrato do sistema penitenciário da Paraíba

Aprovado em 13 de julho de 2021, com média 10,0.

BANCA EXAMINADORA

Professora orientadora: Dra. Fabiana Cardoso de Siqueira

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo



Professora examinadora: Dra. Patrícia Monteiro Cruz Mendes

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo



Professor examinador: Dr. Laerte Cerqueira

Universidade Federal da Paraíba

Programa de Pós-graduação em Jornalismo



Dedico à Maria Ildete Silva Lima, mais conhecida como “Mãezinha” e meu alicerce; ao meu eterno Jean e a Ysabella e Pietro, por serem meu porto seguro o tempo todo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a Maria por não deixarem eu parar de ver rosas no meu caminho mesmo em meio aos espinhos. A mãezinha, toda minha gratidão por ser minha base e por não me deixar desistir do meu sonho de ser jornalista. A Yrdanne por ser a melhor irmã e por acreditar em mim e por ter me dado Ysa e Pietro - que me fazem feliz e foram minha força e minha alegria a todo momento. A Kika por ter sido o braço direito da minha mãe na minha criação.

Como diria Barney em 'How i met your mother' "não importa o que você faça nessa vida. Não vai ser lendário, a menos que os seus amigos estejam lá para ver". A Thayná e Jean, que sempre me disseram para não desistir e me deram forças para chegar até aqui.

Ao Resistência, por serem meu tudo. Cynthia, Joanderson, Matheus Couto, Luana, Allan Nunes por me fazerem acreditar que eu sou capaz. A Karol, Ellen, Júlia e Laryssa por estarem comigo em todos os momentos. A Lari Dias, Juliana, Rayanne, Isa e Josy pelo apoio, mesmo de longe.

Agradeço a todos os meus ex-chefes, em especial a Suely, que é uma mãe (queira ela ou não) e me abriu as primeiras portas. A Bruna Fernandes, minha "chefe" na TV, por me ensinar com tanto amor. A todos os outros, agradeço os ensinamentos, a parceria e as chances de aprendizado.

Aos meus professores, pela paciência e pela dedicação no ensino.

*“Você tem que agir como se fosse possível
transformar radicalmente o mundo. E você tem
que fazer isso o tempo todo” - Angela Davis*

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um relatório elaborado a partir da reportagem especial “Sentenciados: um retrato do sistema penitenciário paraibano”. O objetivo deste trabalho foi realizar uma reportagem audiovisual sobre a situação do sistema carcerário na Paraíba e mostrar o retrato de quem compõe a população penitenciária no estado. Neste relatório, primeiramente, é contextualizado o referencial teórico que norteou a elaboração do produto, composto por questões que envolvem desde o panorama do sistema carcerário brasileiro e paraibano, como conceitos de telejornalismo, reportagem e reportagem especial. Também é descrito o processo de construção da reportagem especial, desde a etapa de planejamento, passando pela captação em vídeo e edição. O produto evidencia os dados do sistema carcerário da Paraíba com recortes de gênero, cor e escolaridade dos apenados, além de entrevistas com reeducandos e ex-reeducandos e especialistas para discutir a composição do sistema penitenciário na Paraíba. A partir disso, propõe a reflexão do motivo dessa população ser composta, principalmente, por negros, pardos, pobres e com baixa escolaridade. O produto final tem 15 minutos e está disponível no link: <<https://youtu.be/33CIWsuMza4>>.

Palavras-chave: Reportagem especial. Telejornalismo. Sistema penitenciário. Ressocialização. Paraíba.

ABSTRACT

This final examination (TCC) is a report prepared from the special report "Sentenced: a portrait of the prison system of Paraíba". The objective of this work was to realize an audiovisual report about the situation of the prison system in Paraíba and shows the portrait of who composes the prison population in the state. In this report, first, the theoretical referential that led the elaboration of the product is contextualized, composed of issues that involve since the panorama of the Brazilian and Paraíba prison system, such as concepts of television journalism, reporting and special reporting. It is also described the process of construction of special report, since the planning stage, through video capture and editing. The product evidences data from the prison system of Paraíba with aspects of gender, color and educational level of the inmates, besides of interviews with inmates and ex-inmates and specialists to discuss composition of prison system of Paraíba. From this, it proposes the reflection of the reason for this population to be composed mainly of black people, poor people and people with low educational level. The final product has 15 minutes and available at the link: <<https://youtu.be/33CIWsuMza4>>.

Keywords: Special report. Broadcast journalism. Penitentiary system. Resocialization. Paraíba.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O SISTEMA CARCERÁRIO NO BRASIL E NA PARAÍBA	14
3 A REPORTAGEM ESPECIAL - A FUNÇÃO ALÉM DE “NOTICIAR”	18
3.1 Reportagem no telejornalismo	18
3.2 Elementos da reportagem	20
3.3 Fases da produção	21
3.4 A importância do texto no jornalismo audiovisual	22
4 A ELABORAÇÃO DA REPORTAGEM ESPECIAL	24
4.1 Pré-produção	24
4.2 Produção	26
4.3 Pós-Produção	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33
ANEXO A	35
APÊNDICE A	38
APÊNDICE B	42
APÊNDICE C	43

1 INTRODUÇÃO

O Brasil possui uma das maiores populações carcerárias do mundo e enquanto vivemos a onda do punitivismo, como forma de reduzir a quantidade de “bandidos” nas ruas, os dados mostram que o crescimento exorbitante de pessoas em situação prisional não mudou drasticamente o índice de homicídios, latrocínios e feminicídios no país e na Paraíba.

De acordo com o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), o Brasil possui uma população prisional de 702.069 pessoas privadas de liberdade sob tutela do sistema penitenciário em todos os regimes (BRASIL, 2020). É como se 85% da população de João Pessoa (IBGE, 2020) estivesse vivendo em situação prisional.

Analisando dados do DEPEN é possível notar que há alguns retratos comuns entre os presos brasileiros: a maioria é composta por negros, pobres, periféricos, majoritariamente sem ensino superior. Isso mostra uma face da desigualdade no país.

A proposta deste trabalho, de elaborar uma reportagem especial audiovisual, surgiu justamente para trazer um recorte de quem compõe o sistema prisional paraibano - cor, gênero e escolaridade; além de dar enfoque na faixa de escolaridade dos apenados, temas não trabalhados comumente no telejornalismo diário por questões de tempo, viabilidade e linha editorial.

Por causa da rotina diária de produção e cobertura factual, de maneira geral, os assuntos não são apresentados com aprofundamento dos temas e problematização da realidade no telejornalismo. Foi por isso que decidi que o caminho do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) deveria tomar dados que embasassem a situação que vivemos e que seria necessário mostrar de uma forma mais ampla a realidade e categorizar em subtópicos, como educação.

Como moradora de comunidade - nascida e criada -, mais precisamente na comunidade Costa e Silva, em João Pessoa, durante a vida vi inúmeros de meus amigos entrarem nas estatísticas de criminalidade. Alguns chegaram a ser presos mais de uma vez. Outros, continuam em situação de privação de liberdade.

Na Paraíba, a Secretaria de Administração Penitenciária (SEAP) tem investido em projetos de ressocialização em todas as unidades prisionais do estado. Um dos projetos realizados com reeducandos da Cadeia Pública de Solânea, o “Hortas para Liberdade”,

foi finalista do Prêmio Inovare 2020.

Mas nem sempre essas ações conseguem atingir a todos. Em 2018, ao perder o meu melhor amigo, ex-presidiário que passou por três penitenciárias da capital, decidi que queria fazer, como TCC, reportagens sobre o sistema penitenciário da Paraíba. Em alguns presídios ele viveu problemas de superlotação, falta de infraestrutura. Em outros, conseguiu ter aulas e participar de projetos de ressocialização.

Apesar de estagiar em empresas de comunicação na área de telejornalismo durante a graduação em Jornalismo na UFPB, o jornalismo policial sempre me foi problemático pela forma com que trata, sensacionaliza e espetaculariza a violência (GERONIMO, 2019), de forma a criar um discurso de punitivismo e um senso comum na sociedade de que só colocar um “criminoso” por trás da grades já basta.

A ideia da reportagem especial audiovisual foi mostrar que não, não é só “colocar homens e mulheres para “verem o sol nascer quadrado”. Precisamos de um sistema penitenciário que humanize, que encontre a raiz do problema.

No jornalismo, com os dados conseguimos mostrar os recortes de quem compõe a população carcerária na Paraíba para entendermos porque aquela população é formada por determinado perfil de pessoas e se há a presença do racismo estrutural, por meio do recorte de raça, fornecido pela SEAP.

O produto final apresentado neste relatório é uma reportagem especial audiovisual sobre a situação do sistema carcerário na Paraíba, que discute, analisa e problematiza sobre quem compõe a população carcerária no estado. Esta reportagem busca fazer o espectador refletir no seu papel social e em como pode se engajar neste tema, seja pesquisando ou saindo do senso comum do punitivismo como autossuficiente.

O tema do sistema carcerário já foi abordado em algumas reportagens especiais e séries de reportagens televisivas. No ano de 2015, o programa “A Liga”, da TV Band, realizou uma série de reportagens, intitulada “Crônicas do Presídio”, em penitenciárias da Paraíba¹. Além dele, o Profissão Repórter, da TV Globo, em 2017, mostrou a situação de diversos presídios no país e no mundo².

Localmente, de maneira independente, Dani Fachine, Elisa Damante, Gabriela Figueirôa e Ivone Beatriz escreveram a reportagem “Cela 15 - Ventres Encarcerados”, sobre a rotina de detentas em uma cela destinada a grávidas e mães com filhos de até 6

¹ Programa A Liga, “Crônicas do Presídio”, disponível em: <<http://entretenimento.band.uol.com.br/aliga/videos/cronicas-do-presidio/15643356/2-ex-policial-vira-detento-e-hoje-e-diretor-de-um-presidio>>.

² Profissão Repórter, “Presídios”, disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5924062/?s=0s>>.

meses no presídio feminino Júlia Maranhão, em João Pessoa³.

Meu intuito não foi fazer com que quem for assistir a reportagem mude de opinião sobre o sistema ou “tenha pena” ou julgue os presidiários, como perpetuam os discursos de programas policiaiscos. Mas que essas pessoas, espectadoras, se sintam cativadas a problematizar a raiz do problema e a acreditar que as pessoas que vivem no cárcere podem, sim, mudar de vida através do papel político e social do Estado. Laerte Cerqueira, meu professor e atual colega de trabalho onde estagiei, na TV Cabo Branco, sempre enfatizou a importância do papel pedagógico no jornalismo e do quanto precisamos dar espaço para tratar assuntos que são pertinentes e repetitivos na sociedade, mas sem reproduzir estereótipos nocivos. É isso que desejei fazer ao longo da produção da minha reportagem.

O sistema já impõe dolorosas vivências a quem vive privado de liberdade e, muitas vezes, sem perspectivas para quando sair. Que o jornalismo não seja mais uma delas.

No primeiro capítulo, contextualizo a situação do sistema penitenciário no Brasil e na Paraíba. O objetivo aqui foi mostrar um panorama nacional e local do perfil dos presos, além de contar um pouco da história da Secretaria de Administração Penitenciária da Paraíba (SEAP-PB), que tem relação com dois entrevistados da reportagem especial.

No segundo capítulo, abordo a reportagem e como ela é trabalhada enquanto reportagem especial, reportagem audiovisual e no telejornalismo. Além disso, explico as fases de produção da reportagem especial, que envolvem desde a escolha do tema até a escolha das fontes, a construção da pauta, a captação e a edição.

No terceiro capítulo, por fim, detalho como foi o processo de elaboração na prática, desde a construção da pauta do produto final, até as entrevistas e a pós- produção. Por causa da pandemia, o processo de produção foi inteiramente remoto. Neste capítulo também são descritos os equipamentos utilizados. Por fim, nas considerações finais, relato minhas dificuldades, os principais desafios e os trabalhos futuros que podem ser feitos a partir deste estudo.

No segundo capítulo, abordo a reportagem e como ela é trabalhada enquanto reportagem especial, reportagem audiovisual e no telejornalismo. Além disso, explico as fases de produção da reportagem especial, que envolvem desde a escolha do tema até a escolha das fontes, a construção da pauta, a captação e a edição.

No terceiro capítulo, por fim, detalho como foi o processo de elaboração na prática,

³ Cella 15 - Ventres encarcerados. Disponível em: <https://issuu.com/danifechine/docs/cela_15_ufpb>.

desde a construção da pauta do produto final, até as entrevistas e a pós- produção. Por causa da pandemia, o processo de produção foi inteiramente remoto. Neste capítulo também são descritos os equipamentos utilizados. Por fim, nas considerações finais, relato minhas dificuldades, os principais desafios e os trabalhos futuros que podem ser feitos a partir deste estudo.

2 O SISTEMA CARCERÁRIO NO BRASIL E NA PARAÍBA

O sistema penitenciário do país já passou e passa por grandes problemas, como a superlotação, falta de infraestrutura, condições subumanas e disputa de facções no interior dos presídios.

Na plataforma do Departamento Penitenciário Nacional (BRASIL, 2020), há informações sobre cor e raça de 79,6% dos presos, tanto de presídios estaduais e federais. De acordo com os dados do sistema, de janeiro a junho de 2020, 16,03% da população prisional total, que inclui homens e mulheres, no país é preta, 50,28% parda, (totalizando 66,31%), enquanto 32,52% branca e 0,8% amarela (totalizando 33,32%). São indígenas 0,19%.

Dentro do recorte de raça e gênero, o panorama se repete: do total de 29.514 mulheres com informações sobre raça no sistema, 9.304 (31%) das presas são brancas e 239 (0,80%) amarelas. Pardas são 15.656 (53,04%) e negras 4.241 (14,36%). Além disso, 74 (0,25%) detentas são indígenas.

Em 2020, ainda de acordo com a plataforma, 95% dos presos eram homens e 30% das pessoas privadas de liberdade no país eram provisórios. Ou seja, mais de 200 mil pessoas estavam aguardando julgamento e uma sentença que poderia condená-los ou absolvê-los e garantir de volta a liberdade.

No contexto local, aqui na Paraíba, no ano de 1928, foi criada a Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública, atual Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (SEAP), pelo então presidente do Estado⁴, João Pessoa. A medida foi publicada no Jornal União já que, na época, ainda não havia Diário Oficial. Apenas na década de 1940 surgiram as primeiras penitenciárias administradas pela Secretaria: o manicômio judiciário, localizado na av. Pedro II (1943); o presídio Des. Flóscolo da Nóbrega - conhecido como presídio do Roger (década de 1940); e a Colônia Penal de Mangabeira (1944). As informações constam no texto de comemoração dos 90 anos da SEAP, cedidos pela assessoria de imprensa do órgão para a contextualização deste trabalho⁵.

A Paraíba possuía 78 unidades prisionais, de acordo com dados de agosto de 2019, disponibilizados pela SEAP (PARAÍBA, 2019). Porém, os dados atualizados mostram o fechamento de algumas prisões. Ao todo, são 67 unidades prisionais no

⁴ Era como chamavam os governadores na época. João Pessoa assumiu a função entre 1928 e 1930.

⁵ Dados encaminhados pelo assessor da SEAP-PB, Josélio Carneiro, via aplicativo de celular WhatsApp para a autora deste projeto.

estado. Dos 12.176 presos, 11.717 (96,23%) são homens e 459 (3,76%) mulheres. Desse total, 4.419 (36,29%) são presos provisórios, 6.143 (50,45%) sentenciados, 1.262 (10,36%) estão no regime de semiaberto⁶ e 352 (2,89%) no regime aberto⁷.

Em 2011, de acordo com a assessoria de imprensa da SEAP, foi criada a Gerência Executiva de Ressocialização (GER) pela Secretaria de Administração Penitenciária da Paraíba. Neste mesmo ano, surgiu também o programa “Cidadania e Liberdade”, que envolvia diferentes vertentes da ressocialização, como educação, saúde, trabalho e cultura.

De acordo com a plataforma do Depen (BRASIL, 2020), 43,98% dos presos da Paraíba são incidentes de crimes contra o patrimônio; 24,69% contra a pessoa⁸ e 18% relacionados às drogas. No recorte de gênero, 55,81% das mulheres estão presas por causa de drogas e 44,34% dos homens estão presos por crimes contra o patrimônio⁹.

No âmbito de poder público, a Promotoria de Justiça de Tutela Coletiva do Sistema Prisional e Direitos Humanos do Ministério Público da Paraíba cuida da defesa dos direitos transindividuais (direitos difusos e coletivos¹⁰) relacionados ao sistema prisional e da execução de políticas públicas de direitos humanos. O órgão também é responsável por identificar, com dados, a situação da população e da lotação nas penitenciárias da Paraíba.

Para romper com esse estereótipo de punitivismo, principalmente no jornalismo policial televisivo, uma abordagem que pode ser utilizada é a da reportagem especial. No meu trabalho, em particular, a finalidade foi humanizar e trazer relatos de quem vive o sistema (ex-reeducandos, autoridades e representantes de projetos de ressocialização) e fazer uma radiografia a partir dos dados fornecidos pela SEAP/PB e disponíveis no site do Depen. Esses números mostram retratos que se repetem e que precisam ser problematizados nas reportagens, utilizando o poder de educação do jornalismo.

De acordo com o livro “Muros invisíveis”, elaborado pelo Laboratório de Pesquisa e Extensão em Subjetividade Humana e Segurança Pública da Universidade Federal da Paraíba, o Lapsus (2012):

⁶ Regime em que os presos podem trabalhar ou estudar fora da unidade prisional e retornar à noite.

⁷ Regime em que os presos podem trabalhar ou estudar fora da unidade e devem retornar à sua casa no período noturno.

⁸ Crimes contra pessoa são caracterizados os crimes contra a vida, como homicídio, infanticídio e também crimes de danos à integridade física e à vida, como lesões corporais.

⁹ Crime contra o patrimônio é qualquer crime contra bens de uma pessoa ou organização como furto, roubo, extorsão, estelionato e receptação.

¹⁰ Disponível em:

<http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_pro_dutos/bibli_informativo/bibli_inf_2006/RPensam-Jur_v.14_n.1.02.pdf>. Acesso em 29 jun. 2021.

A utilização da pena como solução para os conflitos humanos é fortemente exaltada, e, para isso, conta com o auxílio da mídia e do senso comum de insegurança social, que clama por punições mais severas e mais encarceramento num país que possui uma das maiores taxas de presos no mundo (BATISTA, 2011). Porém, apesar do alto número de presos, é comum ouvir do senso-comum que o Brasil é um país de impunidade (LAPSUS, 2012, p. 111-112).

Os dados da SEAP (disponíveis no ANEXO A) foram solicitados para este Trabalho de Conclusão de Curso com recortes de gênero, raça e faixa de escolaridade para que fosse trabalhado um diagnóstico específico de cada perfil de preso dentro do sistema prisional. Nos dados de raça, por exemplo, um perfil que se repete é o da população preta e parda ser a composição majoritária das prisões, demonstrando um racismo estrutural e a face das desigualdades sociais no país.

Borges (2020) indaga que a pergunta que deve ser feita sobre as prisões é uma “já antes realizada pela filósofa e uma das maiores pensadoras da atualidade sobre aprisionamento, Angela Davis: quem define o que é o crime e que é o criminoso?”. E respondendo: o sistema.

Mas o que é problematizado por Borges (2020) e por Angela Davis e outros estudiosos sobre encarceramento é sobre as desigualdades sociais e raciais dentro do sistema penitenciário, fazendo das prisões uma estrutura que detém poder sobre determinadas classes e se tornando, também, uma estrutura de racismo na sociedade brasileira.

Constantemente afirmamos que, por ser uma estrutura, o racismo perpassa todas as instituições e relações na sociedade. Mas o sistema criminal ganha contornos mais profundos nesse processo. Mais do que perpassado pelo racismo, o sistema criminal é construído e ressignificado historicamente, reconfigurado e mantendo essa opressão que tem na hierarquia racial um dos pilares de sustentação (BORGES, 2020, p.44).

O jornalista Caco Barcellos (2014, p.255) em “Rota 66 - A história da Polícia que mata”, relata a história de quando teve um amigo assassinado e o reconheceu pela tatuagem (o mesmo que aconteceu comigo, mas o reconhecimento foi nas redes sociais das emissoras que fazem “jornalismo” policial). Depois, Barcellos foi ouvir o delegado responsável pelo caso, que já tinha uma opinião formada: “Não morreu nenhum injustiçado. Quem procurava o crime, como Pixote, está sujeito a isso”. E eu sempre que relia esse trecho me perguntava: O que é injustiça? Será que essas pessoas realmente não foram injustiçadas em algo que poderia tê-las livrado ou pelo menos dado uma chance de outro caminho em outros momentos da vida?

No livro citado acima, Barcellos (2014, p. 295) logo depois pergunta na delegacia: “Quantas pessoas a PM matou nos últimos trinta dias?”. “Exatamente 140”, respondem.

O jornalista faz vários outros questionamentos: “Tem algum empresário?”; “Morador do Morumbi, Pacaembu, zona rica?”; “Tem algum ladrão rico que foi morto?”; “Tem algum assaltante da pesada, latrocida, entre as vítimas?” e a resposta foi sempre a mesma: “zero”. Isso me fez refletir que o sistema brasileiro de segurança e punição sempre escolheu quem ia ser preso ou morto.

Esse ponto é enfatizado na reportagem especial descrita neste relatório por meio das entrevistas de Juliana Borges e também de Rebecka Tannuss, que estudam o tema do encarceramento e as desigualdades sociais e de gênero que atingem a população carcerária antes que os reeducandos ingressem na criminalidade. É o que sinalizam também os dados da SEAP com recortes de raça, gênero e escolaridade. Em um dos pontos, Juliana ressalta que as prisões vão dizer quão falha a sociedade está sendo em outras áreas, como educação, garantia de habitação e direitos básicos.

O intuito, então, foi usar a reportagem especial fruto deste TCC como um espaço para mostrar que há desigualdades também no sistema punitivista do país. Assim como fez Caco Barcellos, no livro-reportagem, que é uma versão ampliada da reportagem especial, assunto do próximo capítulo, alguns gêneros e formatos jornalísticos permitem que o jornalista aprofunde melhor os problemas relacionados ao tema.

3 A REPORTAGEM ESPECIAL - A FUNÇÃO ALÉM DE “NOTICIAR”

Lage (2001, p. 10) trata o jornalista como um agente, que está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. O jornalista teria uma representação discreta “que o autoriza a ser o ouvido e olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante”. Nesse sentido, a reportagem vem a ser essa presença em diferentes locais, inclusive, nos ambientes de difícil acesso, como as prisões, por exemplo.

Inicialmente, a reportagem era um gênero jornalístico trabalhado para aprofundar em todos os ângulos um tema pelo qual seria falado. Nasceu depois de uma crise de concorrência no meio impresso em que o jornalismo começou a se divergir da publicidade, quando os jornais ainda abrigavam novelas e folhetins literários, dando espaço para o surgimento de outros gêneros, como o cartum e as notícias. De acordo com Lage (p. 14) “o jornalismo dessa época pode ser considerado, de um lado, educador, de outro, sensacionalista”.

O intuito da reportagem era ser um gênero instigante, que despertasse uma visão sobre algo e que detalhasse, a fundo, os problemas que envolvessem o tema trabalhado. Assim, à medida que as mídias iam sendo criadas, como o rádio e a TV, a reportagem ia sendo adaptada para cada tipo de veículo e sendo um gênero mais presente nas redações jornalísticas.

Barbeiro e Lima (2013) explicam que a reportagem é empregada para “se conseguir contar uma história simples, direta, clara, didática, objetiva, equilibrada e isenta” e recomendam orientações para o sucesso da mesma, como o rigor na apuração, não generalizar, não julgar entrevistados, conferir os números que usa, entre outros.

3.1 Reportagem no telejornalismo

No telejornalismo, existem vários formatos possíveis para se trabalhar a notícia e entre eles, está a reportagem, que além de gênero jornalístico, é um formato de conteúdo do telejornalismo, com a participação de um repórter e pode ser classificada como

reportagem, grande reportagem ou reportagem especial, a depender do tempo de produção dedicado ao material, aprofundamento e foco.

A reportagem especial (também chamada de grande reportagem) é considerada uma das abordagens mais completas do jornalismo na TV, tendo em vista que permite apresentar, contextualizar e debater assuntos fora da rotina diária, com aprofundamento, com um tempo maior de planejamento, execução e exibição.

Para Carvalho *et. al.* (2010, p.21), na TV, a reportagem é marcada por duas questões: a necessidade de fazer o bom jornalismo, com histórias que impactam, e a exigência de mercado, de ser um diferencial para o telespectador. “O que torna uma reportagem especial é o tratamento muito mais primoroso, tanto de conteúdo quanto plástico [visual]. Ela nos permite aprofundar assuntos e interesse público, que podem estar retratados em uma única reportagem ou em uma série”.

É esse aprofundamento que é problematizado pelo autor ao se referir às críticas sobre a reportagem no telejornalismo diário: “Os assuntos são abordados de forma muito superficial; normalmente os enfoques são extremamente parecidos” (CARVALHO *et. al.*; 2010, p.21).

A reportagem especial acaba sendo uma opção para escapar da superficialidade, pois por meio dela é possível apresentar um número maior de personagens (entrevistados) e informações. Há uma dedicação maior à produção, à análise de dados, ao debate de assuntos voltados aos temas abordados

Isso não quer dizer, porém, que a reportagem especial vá, necessariamente, ter um tempo maior do que a reportagem convencional, pois o que caracteriza a reportagem como reportagem especial não é o tempo, mas o seu aprofundamento.

A reportagem especial costuma ser apresentada de forma isolada dentro dos telejornais ou programas televisivos ou no formato de subdivisão em uma série de reportagens. Isso acontece, geralmente, quando há diferentes aspectos a serem abordados e há necessidade de dividir o tempo de exibição, por causa da duração total do programa. Como, no meu caso, não havia limitação de tempo, nem um programa específico para veiculação, optei por realizar a reportagem especial sem subdividir em uma série.

Sodré e Ferrari (1986) ressaltam que a reportagem especial deve ter um caráter humanizado e, a partir disto, a ideia foi aprofundar a discussão sobre um determinado tema e tornar o mesmo, além de um produto informativo, algo que causasse impacto, reflexão e proximidade em quem o assistisse, sem brutalizar a ideia do cárcere e dos presos.

3.2 Elementos da reportagem

Os elementos que fazem parte da reportagem especial ou grande reportagem audiovisual são os mesmos que podem ser aplicados na reportagem diária nos telejornais: *off*, sonora, passagem e sobe som (PATERNOSTRO, 2006).

Ao escolher um formato de notícia audiovisual, o jornalista lança mão de estratégias para contar a história. Entre elas, está o uso da passagem, que é o momento no qual o repórter fala o texto diante da câmera. De acordo com Lima (2010, p. 89), pode ter a função de “contextualização ou recuperação de informações; desdobramento das informações sobre o fato; indicação/realce de percurso; hierarquização de informações; proposição de comentários/juízos; presentificação; e realce por performance”.

O *off* é o texto lido e gravado pelo repórter ou apresentador e que é sobreposto por imagens na edição. É comumente utilizado em reportagens e nas notas cobertas. Nodari (1986) explica a expressão, que é muito falada no telejornalismo de “cobrir o *off*”:

A expressão “cobrir o *off*”, usada com frequência nas redações, pode ser um indicativo de que as imagens têm papel de assessorar a palavra na rotina do telejornalismo. Pela naturalidade como este termo é usado, pode sugerir certa autoridade da palavra sobre a imagem (NODARI, 1986, p.17).

O texto (*off*) no jornalismo audiovisual deve ser didático, de fácil entendimento e sedutor. É o que diz Vizeu (2002, p.9): “diante desse quadro, o editor de texto ao editar sua matéria – notícia – tem de fazer uma forma atraente, simples e de fácil entendimento para o receptor. (...) Para prender, cativar a audiência é preciso seduzir”.

Já a sonora, no telejornalismo, tem como intuito explicar, detalhar, construir posicionamentos, reforçar alguma informação e identificação. É um trecho da fala do entrevistado. Uma das formas mais comuns utilizadas é para reiterar ou complementar algo que já foi dito anteriormente pelo repórter em *off* ou passagem. A sonora também

tem a função de dar espaço ao personagem para “promover uma identificação, projeção e/ou empatia do telespectador com o entrevistado/personagem, apelando para a emoção” (LIMA, 2010, p.112).

E o *sobe som* serve para destacar o áudio de algumas cenas, captado pela câmera ou microfone. Também pode ser usado a partir de trilhas musicais externas inseridas na pós-produção para dar ritmo à edição e no momento de pausa de outros elementos, como sonoras, *offs* e passagens.

3.3 Fases da produção

A produção no telejornalismo é dividida em três fases: pré-produção, produção e pós-produção. Zettl (2017) explica que o primeiro passo da pré-produção é a decisão do que será a pauta ou o roteiro a ser seguido. No telejornalismo, as pautas são escolhidas de acordo com critérios de noticiabilidade, editoriais, políticos ou pessoais.

Lage (2001) define pauta como:

O planejamento de uma edição ou parte da edição com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e dos assuntos a serem abordados em reportagens, além de eventuais indicações logísticas e técnicas: ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fontes etc (LAGE, 2001, p.16).

Neste momento da produção também são escolhidas as fontes, que serão os entrevistados do conteúdo jornalístico, podendo ser oficiais¹¹, oficiosas¹² e independentes¹³ (LAGE, 2001).

Após o processo de pré-produção da pauta, vem a execução dela com gravações e entrevistas, ou seja, a chamada etapa de produção. É o momento da gravação com as fontes, da captação de imagens, da execução da passagem. Para Lage (2001, p.33) a entrevista pode ser compreendida como um “processo de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo” e “uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público”.

Por fim, finaliza-se com a pós-produção, que é a fase de edição de vídeo, áudio e

¹¹ Instituições mantidas pelo Estado, empresas ou organizações, como sindicatos e associações, como Procuradores do MPF.

¹² São ligadas a instituições ou entidades, mas não podem falar em nome delas e podem passar informações sigilosas, como funcionários de prefeituras, por exemplo.

¹³ São fontes que não tem relação com instituições/entidades e nem têm interesses específicos, como dona de casa, donos de comércio.

texto. É elaborada a decupagem¹⁴ e o roteiro de edição¹⁵. Depois, é feita a edição propriamente dita, finalizando o produto por meio de um *software* próprio para isso.

3.4 A importância do texto no jornalismo audiovisual

De acordo com Sacramento e Ribeiro (2019, p. 64), um dos principais telejornais do país, o Jornal Nacional, começou a adotar, nos últimos anos, traços de informalidade “na linguagem corporal dos apresentadores/repórteres e na relação entre o gestual e o texto lido”. Isso se demonstra no envolvimento dos repórteres emocionalmente na reportagem.

Na reportagem especial “Sentenciados”, a intenção foi justamente mostrar, por meio de um texto de fácil compreensão e humanizado, a realidade do cárcere, para despertar sentimentos e reflexões. Para isso, o produto final contou com dados que enfatizaram o problema por trás do perfil dos presos e destacou a história de personagens que se enquadram ou não dentro dessas características gerais dos presos.

Paternostro (2006, p. 82) em seu livro “O texto na tv” abordou a importância da relação entre o texto e as imagens no telejornalismo, que não podem estar dissociados, em contradição. A referida autora também destacou que o jornalista pode agregar um elemento a mais, que é a capacidade de gerar emoção.

A esses ingredientes devemos acrescentar algo que muitas vezes está no próprio jornalista: a emoção. Na prática do trabalho com imagem, a sensibilidade também se desenvolve. Unir imagem, informação e emoção é uma boa saída para transmitir a notícia com a qualidade ideal. E cada um que escreve para a TV deve ainda encontrar um estilo próprio, pessoal, intransferível de forma a se destacar do estilo padronizado que encontramos na televisão brasileira (PATERNOSTRO, 2006, p. 84).

¹⁴ Assistir ao conteúdo gravado e anotar e pré-selecionar os trechos que serão usados na construção do roteiro de edição.

¹⁵ É o detalhamento de como a reportagem será montada, descrevendo, na ordem escolhida pelo repórter, os elementos da notícia. É por meio do roteiro de edição que o editor poderá visualizar como a notícia está organizada e terá condições de colocar em prática a edição. No jargão jornalístico, a elaboração do roteiro de edição também é chamada de “fazer o *off*”.

A busca por essa emoção à distância foi um desafio, porque o contato direto com os personagens e a sincronicidade dão um tom de diálogo que não funciona tão bem por via remota. No próximo capítulo, eu detalho como isso de fato ocorreu e outros desafios impostos à produção da reportagem especial “Sentenciados”.

4 A ELABORAÇÃO DA REPORTAGEM ESPECIAL

A ideia inicial era realizar uma série com três reportagens, em que cada uma abordaria uma perspectiva dentro do assunto, envolvendo o perfil dos presidiários na Paraíba, os programas de ressocialização e as histórias deles e das famílias. A produção também foi pensada para ser “em campo”, dentro das penitenciárias e entrevistando reeducandos e fontes oficiais.

Por causa da pandemia, da dificuldade de gravações presenciais, dos riscos para a minha saúde e dos entrevistados e das normas de realização do semestre letivo na UFPB (Resolução Consepe/UFPB nº 35/2020¹⁶, Resolução Consepe/UFPB nº 12/2021¹⁷, Ofício Circular 001 CCTA-DC/2021¹⁸), resolvemos transformar o conteúdo em uma única reportagem especial executada remotamente.

Mesmo nessas circunstâncias, o trabalho continuou sendo pensado para fazer o público refletir sobre o sistema carcerário, em especial, o paraibano, e o perfil dos presos, e o que pode ser feito para mudar essa realidade.

4.1 Pré-produção

O processo de pré-produção da reportagem iniciou-se com a definição de como seria abordado, junto com minha orientadora, os recortes de gênero, cor e escolaridade dos presos.

O processo para conseguir os dados começou em agosto de 2020, durante a elaboração do projeto do TCC. Entrei em contato com a assessoria de comunicação da SEAP. Em novembro de 2020, a SEAP solicitou um ofício para que eu fizesse meu pedido formalmente e também através do *site* de Lei de Acesso à Informação do Governo do Estado. O pedido foi respondido somente em dezembro do mesmo ano com os dados (ANEXO A).

Antes de começar a elaborar a pauta, estudei sobre o assunto lendo livros que me levaram a elaborar determinados questionamentos e repensar as vozes oficiais que

¹⁶ <<https://www.ufpb.br/ded/contents/documentos/resolucao-consepe-n-35-2020.pdf>>.

¹⁷ <https://www.ufpb.br/ded/contents/documentos/resolucoes/res-_consepe_alt-35_36_juntas-1.pdf>.

¹⁸ <<http://www.ccta.ufpb.br/ppgav/contents/noticias/decisao-do-conselho-de-centro-do-ccta-trabalho-remoto/OficioCircular001.2021CCTAAssinado.pdf>>.

seriam ouvidas na reportagem especial, como “Rota 66: a história da polícia que mata”, de Caco Barcellos (2014); “Prisões, espelhos de nós” e “Racismo e encarceramento em massa”, ambos de Juliana Borges (2020; 2020a), que também virou uma entrevistada na reportagem. Além disso, a série da Netflix “Por dentro das prisões mais severas do mundo”¹⁹ também me fez ter um olhar especial para determinados questionamentos.

Após a pesquisa bibliográfica, selecionei os especialistas/autoridades que seriam entrevistados para enriquecer o material e comecei a pensar nos personagens. A ideia era ouvir autoridades políticas que têm atuação direta com o sistema penitenciário paraibano e também entrevistar especialistas para além dos representantes oficiais, como é o caso de estudiosos da área. Os personagens seriam presos e suas famílias.

Fiz a produção da pauta (APÊNDICE A) e pensei em como seria cada entrevista dentro da reportagem especial. Uma das entrevistadas escolhidas foi a coordenadora do Laboratório de Pesquisa e Extensão em Subjetividade e Segurança Pública (LAPSUS/UFPB), Rebecka Tannuss. Rebecka é doutoranda em psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com a tese “E não sou eu uma mulher? análise sobre o transporte feminino de drogas no cárcere paraibano”, mestra em psicologia - com a dissertação “Política Criminal e Sistema Prisional: A atuação dos psicólogos nas prisões paraibanas” (TANNUSS, 2017)²⁰, além de autora de vários outros trabalhos sobre o sistema prisional paraibano. Ela foi escolhida, pois poderia falar sobre um panorama desses retratos, problematizando os dados que compõem o sistema no país e na Paraíba.

Outro entrevistado descrito na pauta é o promotor da Promotoria de Justiça da Tutela Coletiva do Sistema Prisional e Direitos Humanos, Ricardo José, do Ministério Público da Paraíba (MPPB). O órgão trabalha na garantia de direitos coletivos, como é o caso dos direitos de pessoas privadas de liberdade e desenvolve ações em parceria com a Secretaria Estadual de Administração Penitenciária (SEAP).

Já da SEAP optei por dois entrevistados: o secretário de Administração Penitenciária, Coronel Sérgio Fonseca, e o gerente de Ressocialização, João Rosas, cada qual falando da sua função no sistema, como encaram o retrato da população e como tentam reduzir esse panorama de desigualdade dentro das penitenciárias.

Do movimento negro, escolhi entrevistar Juliana Borges, ativista da causa do encarceramento e autora dos livros “Prisões, espelhos de nós” (BORGES, 2020) e

¹⁹ Série Documental - Produção Netflix - Disponível em <<https://www.netflix.com/br/title/80116922>>. Acesso em 1. dez. 2020.

²⁰ Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/24407>>. Acesso em: 29 jun. 2021.

“Racismo e Encarceramento em massa” (BORGES, 2020a).

Já sobre os personagens, o planejamento inicial era ouvir cinco ex-presidiários: um homem negro com baixa escolaridade; uma mulher que foi presa por levar drogas para o “companheiro”; um ex-privado de liberdade; um preso provisório ou que tivesse sido absolvido após muito tempo como provisório; um reeducando integrante de projetos de ressocialização ou que estivesse no final da sua pena.

Com o início da pandemia também tive que redefinir meus locais de gravação e também os personagens. A ideia primeiramente era ir “a campo” e fazer as entrevistas dentro das penitenciárias, nas sedes das instituições e nas casas de ex-presidiários. Com o aumento de casos de Covid-19 no país, suspendi a visita presencial e os entrevistados passaram a ser apenas egressos do sistema que se enquadram nos retratos de gênero, cor, escolaridade e tipo de situação atual do preso (sentenciado ou provisório).

Na pauta final (APÊNDICE A), constam os personagens entrevistados: um jovem preto, pobre, preso após reconhecimento fotográfico; um jovem pobre ex-reeducando de um presídio do sertão e uma mulher presa por tráfico. A seguir detalho como essas e outras entrevistas ocorreram.

4.2 Produção

Uma vez finalizada a pauta, parti para a etapa de produção. Todas as entrevistas tiveram que ser feitas de forma não presencial por conta da pandemia da Covid-19. Os programas de chamada de vídeo foram essenciais para permitir um contato mais direto entre eu, como jornalista, e a fonte.

Para os entrevistados que eu pedi vídeo, utilizei uma espécie de “manual” (APÊNDICE B) para que a fonte pudesse produzir de forma autônoma, sem que eu perdesse a qualidade da fala no trabalho. As recomendações envolviam desde gravar sempre com o celular na horizontal, nunca na frente de janelas ou locais em que o fundo pudesse “estourar” com a iluminação do sol (PATERNOSTRO, 2006), fazer a captação em locais silenciosos e com uma boa iluminação ambiente, nunca cortando a cabeça ou sem o rosto estar alinhado no meio do vídeo. Também solicitei que tirassem uma fotografia prévia do ambiente ou que gravassem um vídeo curto e me encaminhassem antes de responder as perguntas por vídeo, apenas para avaliar problemas que poderiam ocorrer de enquadramento, iluminação e áudio. Para ilustrar o conteúdo, utilizei imagens de arquivo da SEAP que mostravam projetos de ressocialização, o cotidiano dos presos e

os ambientes das penitenciárias. Os materiais foram cedidos pela assessoria de imprensa do órgão. Além disso, também usei imagens do acervo da Rede B, uma TV *online* na qual participo como repórter colaboradora e que já realizou matérias dentro de penitenciárias de João Pessoa em 2021. O material foi cedido por Brunno Ataíde, diretor da emissora *online*.

Na etapa de produção, utilizei câmera profissional Sony NX5, celular, microfone lapela, tripé e *notebook* (QUADRO 1) para gravar as passagens e entrevistas remotas.

Quadro 1: Equipamentos utilizados na gravação

ATIVIDADE	EQUIPAMENTO
Gravação	Celular Redmi 7 Tripé Microfone lapela Notebook Positivo Motion Q464B Intel
	Atom Quad core 4GB 64GB SSD + 64GB Nuvem 14" W10 Câmera Sony NX5

Fonte: elaboração própria

A primeira entrevista foi realizada no dia 24 de março de 2021, às 20h48, por Skype (*software* de chamadas de vídeo pela internet), com Thiago Tavares. Ele é morador de Santa Rita, na região metropolitana de João Pessoa, e foi preso injustamente. Jovem preto e pobre, foi acusado de cometer assaltos mesmo possuindo filmagens que comprovam que, na hora dos crimes, ele estava em casa. A entrevista durou 15 minutos e 31 segundos.

A segunda gravação foi obtida por meio de vídeos enviados por um ex-reeducando que pediu para não ser identificado na reportagem especial. Ele foi citado no texto como “João”, apenas para facilitar o entendimento das informações. As perguntas para o ex-reeducando foram encaminhadas pelo WhatsApp no dia 22 de março de 2021, mas por causa de problemas pessoais, ele só conseguiu responder no dia 5 de abril e os vídeos totalizaram 6,31 minutos ao todo.

Já no dia 12 de abril de 2021, entrevistei o gerente de ressocialização da SEAP, João Rosas, também por Skype. Tive problemas na conexão de *wifi* e acabou que isso prejudicou e atrasou um pouco a entrevista. Em alguns momentos a conexão parou e eu não conseguia ouvir o entrevistado. Além disso, fiz a gravação em uma ilha de edição no

meu local de estágio (uma emissora de TV) e em alguns momentos fui atrapalhada por sons externos da redação, que fica ao lado. A gravação foi feita às 15h20 e durou 20 minutos.

A entrevista com Rebecka Tannus também foi feita no meu estágio por incompatibilidade de horário no dia 15 de abril de 2021. Inicialmente, marcamos para o dia 14, mas ela teve um problema de saúde com a mãe e remarcamos para o dia seguinte. Com receio do problema anterior em relação ao barulho, optei por fazer na sala onde a fonoaudióloga atende na TV, que no momento não estava ocupada. Como o *wifi* deu problema na entrevista de João Rosas e no início da gravação com Rebecka tive problemas de conexão, optei por fazer pelo 3G, que também apresentou problemas na qualidade, mas que, no geral, não impactaram na imagem dela e nem no áudio, sendo possível, na edição, minimizar os prejuízos. A gravação durou 22 minutos e 14 segundos (sem contar as tentativas com falha na conexão).

No dia 19 de abril de 2021, entrevistei o promotor do Ministério Público da Paraíba, Ricardo José. A entrevista estava marcada para às 11h, mas o promotor teve uma audiência e só conseguimos começar às 11h50 e foi realizada pelo Google Meet (aplicativo de chamada de vídeo) e gravada pelo assessor do promotor, já que a ferramenta só disponibiliza gravação para quem possui a versão paga²¹. Tive problemas na conexão e precisei terminar a entrevista utilizando o 3G. A entrevista durou 29 minutos e 55 segundos.

Com o secretário de Administração Penitenciária do Estado, Sérgio Fonseca, não conseguimos fazer por Skype no dia marcado por problemas na sua agenda. A entrevista ocorreria no dia 16 de abril de 2021, mas o entrevistado pediu que remarcássemos. Enviei os questionamentos para a assessora, que gravou vídeos dele respondendo às perguntas. O material foi enviado pelo aplicativo WhatsApp no dia 27 de abril. O material foi enviado pelo aplicativo WhatsApp no dia 27 de abril e totalizou 5,46 minutos.

O mesmo aconteceu com Célia Fernandes, detenta da Penitenciária Júlia Maranhão, em João Pessoa. O vídeo dela foi gravado pela diretora da unidade, Cinthya Almeida. O material foi enviado pelo WhatsApp no dia 14 de abril de 2021. O material foi enviado pelo WhatsApp no dia 14 de abril de 2021 e tinha 2,37 minutos.

4.3 Pós-Produção

²¹ A versão gratuita que permitia gravação de vídeo pelo Google Meet foi disponibilizada até 30 de setembro de 2020.

No processo de pós-produção, a primeira fase envolveu a decupagem de todas as sonoras. Nesse processo, foi possível selecionar as falas de cada entrevistado e a partir disso, estruturar um roteiro que fosse coeso e não se tornasse repetitivo ou cansativo (APÊNDICE C). Comecei, então, a construir o texto da reportagem especial e a definir como seria feito o processo de edição: o que seria passagem, o que entraria em *off*, o que eu precisaria de imagens ou ilustrações.

Tive apoio da assessoria da SEAP que cedeu imagens da fachada das penitenciárias, dos projetos de ressocialização e da rotina dos presos e de Bruno Ataíde, que me cedeu arquivos da Rede B TV do interior das penitenciárias. O advogado do caso de Thiago Tavares também auxiliou, fornecendo os processos e as imagens da câmera de segurança, que foram utilizadas na defesa e que mostram que o jovem estava em casa e não cometeu os crimes.

Já com todos os arquivos reunidos, salvei o material no Google Drive (serviço de armazenamento de arquivos em nuvem da Google). A edição foi feita na casa de Bruno Ataíde, já que meu *notebook* não suporta editor de vídeo e já tenho um convívio com Bruno na rotina de trabalho na Rede B. Bruno me ajudou durante a edição, que foi feita no programa Sony Vegas e também na gravação das passagens, com o material da emissora.

As passagens foram gravadas no jardim e na laje da casa de Bruno, já que, por causa da pandemia, não conseguimos fazer captações de imagens externamente e esses foram os melhores ambientes que conseguimos, mantendo regras de distanciamento. Como estávamos distantes e em ambiente fora das ruas, pude gravar sem o uso de máscara as passagens. O material começou a ser editado no fim de maio de 2021. Tive algumas dificuldades nesse processo e muitas vezes precisei dar suporte para Bruno somente à distância, passando orientações enquanto estava em horário de trabalho.

Por fim, o foco foi realizar os ajustes finais, com apoio da minha orientadora, também de forma remota, para ajustar pequenas mudanças, falas, realizar alguns cortes e entregar o produto final.

Bruno Ataíde também me auxiliou com a inserção das artes (elementos gráficos usados para destacar dados da reportagem) feitas no próprio programa de edição, o Sony Vegas, e também com a inserção das trilhas sonoras, compostas por músicas disponíveis gratuitamente na plataforma YouTube.

Ao todo, o material bruto composto por entrevistas, *offs*, passagens e imagens de

apoio possuía 2 horas e 40 minutos. Após o processo de edição, o reportagem especial ficou com 15 minutos e foi disponibilizada no YouTube, no *link*: <<https://youtu.be/33CIWsuMza4>>.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando dizem que no TCC tudo fica mais complicado, a gente só acredita sentindo na pele. Conciliar um estágio, um emprego e o fim do curso foi um desafio, ainda mais no contexto em que eu jamais imaginaria que precisaria fazer todo meu trabalho de forma remota.

Eu, que sempre fui “220v”, sempre gostei de estar na rua, me vi sendo obrigada a respeitar uma nova linha cronológica, que não era a que eu havia planejado. Inicialmente, a ideia era tentar gravar tudo o mais rápido possível. Queria concluir logo, pois não gosto de deixar tudo pra última hora. Mas não foi assim que aconteceu.

Como sempre sou de “bater o pé”, ainda tentei por diversas vezes insistir com minha orientadora para que conseguisse, de alguma forma, liberação para eu gravar presencialmente as entrevistas. Para mim, já que eu nunca parei de trabalhar, de pegar ônibus, de estar em contato com outras pessoas, não fazia sentido fazer tudo remoto só por causa da pandemia, já que no contexto que eu estava, não parecia fazer diferença entrar em mais um local.

Essa reportagem foi fruto de um grande sonho, mas também de muitas dores. Não só por ver diariamente diversos jovens serem privados da liberdade, mas por viver em um contexto em que eu poderia fazer parte dos dados, em que vários ao redor de mim passaram por estas condições.

Além da dificuldade que foi eu ser cabeça dura e ter que aceitar que tudo fosse feito de forma remota, as dificuldades tecnológicas também fizeram com que eu atrasasse os prazos que eu havia estabelecido inicialmente: primeiro porque eu não tinha computador e somente com o auxílio instrumental da UFPB consegui comprar o atual, segundo porque passei meses com problemas de internet, dificultando mais ainda o andamento das entrevistas e do relatório. Por fim, começar a ter crises de tendinite ao escrever o relatório. Foram 4 meses extremamente dolorosos para digitar cada palavra deste relatório.

Acredito que, apesar disto tudo, alcancei meu objetivo e me sinto satisfeita com o resultado. Quando me deparei com a primeira edição do material lembro que chorei, porque parecia que realmente era um sonho sendo realizado. E é. E esse sonho só me

despertou a vontade de retornar ao desejo inicial de construir uma série de reportagens, ou um canal no YouTube com grandes reportagens e fazendo o que me dá “brilho nos olhos”.

Discutir sobre desigualdades sociais sempre fez parte da minha vida. No jornalismo não seria diferente. O jornalismo tem um papel social importante e de atingir locais onde ele ainda é a principal fonte de informação e de educação sobre a situação das pessoas ao nosso redor.

Por isso, as reportagens especiais são importantes na construção de debates sobre desigualdade e também têm um caráter de denúncia e dão a oportunidade de destrinchar e trazer números para enfatizar os debates escancarados na sociedade. Foi por meio dela que busquei alcançar o objetivo geral deste trabalho, que foi: realizar uma reportagem audiovisual sobre a situação do sistema carcerário na Paraíba e mostrar o retrato de quem compõe a população penitenciária no estado. Esse tipo de produto acaba se transformando em um espaço privilegiado para contar histórias de forma humanizada, com variedade de relatos, de locais de fala, de pontos de vista.

Há questões que eu gostaria de ter abordado de forma mais ampla, como trabalhar cada recorte da reportagem, de forma a aprofundar mais ainda o estudo das temáticas. Além disso, por causa da pandemia, não foi possível gravar dentro dos presídios e mostrar a realidade. Sugiro que trabalhos futuros continuem abordando e utilizando de todas as ferramentas possíveis (dados, fontes oficiais, personagens) para dar um olhar humanizado ao cárcere, principalmente nos contextos de ódio à minorias, pessoas em situação de vulnerabilidade e de propagação do discurso de que “bandido bom é bandido morto”.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Caco. **Rota 66 - A história da Polícia que mata**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BORGES, Juliana. **Prisões, espelhos de nós**. São Paulo: Todavia, 2020.

_____. **Racismo e encarceramento em massa**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

BRASIL. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiMmU4ODAwNTAtY2IyMS00OWJiLWE3ZTgtZGJjY2ZhNTYzZDlilwiwCl6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9>. Acesso em: 1 nov. 2020.

CARVALHO, Alexandre, *et al.* **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010.

COUTINHO, Iluska. **Telejornalismo e encenação**: quando a reportagem vira show. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/viii-sippec/gt05/36_Iluska%20Coutinho_trabalho%20completo.htm>. Acesso em: 14 nov. 2020.

EXAME. Entenda a diferença entre os regimes fechado, semiaberto e aberto (2017). Disponível em: <<https://exame.com/brasil/entenda-a-diferenca-entre-os-regimes-fechado-semiaberto-e-aberto/>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

GRADIM, Anabela. **Manual de jornalismo**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2000.

GERONIMO, Aderlon dos Santos. **O protagonismo dos apresentadores no contrato de comunicação de programas policiais na Paraíba**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

HUBNER, Elton. **A função da imprensa** (2010). Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-funcao-da-imprensa/>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

IBGE. **Panorama**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/joao-pessoa/panorama>. Acesso em: 28 set. 2020.

KARAM, Francisco José Castilhos. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo. Summus, 2004.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**.

Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, Luísa Abreu e. Por uma gramática da reportagem: uma proposta de ensino em telejornalismo. 2010. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

NODARI, Sandra. **Ônibus 174**: a relação entre imagem e voz no telejornalismo e no documentário. Dissertação (Programa de Mestrado em Comunicação e Linguagens) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2006.

PARAÍBA. Secretaria de Administração Penitenciária do Estado. População Carcerária. *In*: **População Carcerária**. [S. l.], 2019. Disponível em: <<https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-de-administracao-penitenciaria/arquivos/populacao-carceraria/08-quantitativo-agosto-2019.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2020.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PÔRTO JR., Gilson; ANJOS, Ana Carolina Costa dos (Orgs.). **Comunicação, jornalismo e educação: novas narrativas e espaços educativos**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. O repórter e a reportagem televisiva: a cobertura do atentado contra o Charlie Hebdo. **Significação**: Revista de Cultura Audiovisual, v. 46, n. 51, 2019.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica da reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

TANNUSS, Rebecka et al. **Muros invisíveis**: diálogos sobre privação de liberdade, assujeitamento e famílias que resistem. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista FAMECOS**. v. 16, n. 40, p. 77-83, 2009.

_____. **Telejornalismo, audiência e ética** (2002). Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2020.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZETTL, Herbert. **Manual de produção de televisão**. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

ANEXO A

Tabela 1 - Dados de Gênero (SEAP-PB)

CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE
HOMENS	11631
MULHERES	648
TOTAL	12279

Tabela 2 - Dados de Escolaridade (SEAP-PB)

CLASSIFICAÇÃO	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Analfabetos	966	33	999
Alfabetizados	1768	42	1810
Ensino Fundamental Incompleto	5646	234	5880
Ensino Fundamental Completo	921	111	1032
Ensino Médio Incompleto	1133	71	1204

Ensino Médio Completo	787	66	853
Ensino Superior Incompleto	57	6	63
Ensino Superior Completo	34	3	37
Pós-graduação lato sensu	1	0	1
Mestrado	0	0	0
Doutorado	0	0	0
Pós-Doutorado	0	0	0
Não informado no SIAPEN	31	1	32

Tabela 3 - Dados de Cor da pele (SEAP-PB)

CLASSIFICAÇÃO	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Amarela	65	4	69
Branca	2415	104	2519
Indígena	16	0	16
Parda	7622	418	8040

Preta	990	30	1020
Não informado no SIAPEN	37	3	40

Tabela 4 - Dados de Orientação Sexual (SEAP-PB)

CLASSIFICAÇÃO	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Heterossexual	11194	447	11641
Homossexual	100	96	196
Bissexual	23	19	42
Não declarou	18	3	21
Não informado no SIAPEN	27	3	30

DADOS OCUPAÇÃO - CARCEREM DATA 2020 (MPPB)

UNIDADES EM GERAL	75
UNIDADES SITUAÇÃO GRAVÍSSIMA	39
UNIDADES ACIMA DA CAPACIDADE	20
UNIDADES SITUAÇÃO REGULAR	8
UNIDADES SITUAÇÃO BOA	8

APÊNDICE A

PAUTA

Pauta:	Sentenciados
Produtor: Larissa Maia	
Repórter: Larissa Maia	
Proposta:	Apresentar um panorama do Sistema Penitenciário Paraibano. A ideia é fazer uma introdução sobre o sistema penitenciário da Paraíba. Vamos trazer dados gerais como situação prisional, ocupação em unidades, tipos de crime mais comuns e taxa de reincidência. Depois vamos abordar os recortes de gênero, raça e escolaridade, que estão no Anexo A. Para cada recorte ouviremos especialistas no assunto e fontes oficiais.
Entrevistado 1: Ex-apenado (identificado na reportagem especial como João)	1. Que impacto o projeto tem na sua vida? 2. O que fez você se esforçar lá dentro? O que te motivou pra quando sair você viver a nova chance? 3. Se você pudesse voltar no tempo, mudaria algo na sua vida? 4. Essa capacitação, esse trabalho, foi útil pra você aqui fora? 5. A cadeia é um lugar de desigualdade social?
Entrevistado 2: Thiago Tavares - Santa Rita/Preso injustamente	1. Como você veio parar aqui? 2. Como foi seu primeiro dia? 3. O que é mais difícil lá dentro? 4. Quando você era criança, imaginava passar por uma situação como essa? 5. O que você pensa sobre a prisão? Como enxerga esse lugar? 6. Como é lidar com um sistema de justiça que não é justo? 7. E você vai brigar até o fim para provar sua inocência?

Entrevistado 3: João Rosas - Gerente de Ressocialização/PB	1. O que é ressocialização? 2. Em que momento o preso é considerado ressocializado? 3. O que vocês buscam com os projetos de ressocialização? 4. Quais as principais dificuldades encontradas pelos presos depois de ganhar a liberdade para se ressocializar? 5. A população prisional tem um perfil de baixa escolaridade. Como vocês trabalham para mudar esse panorama dentro das penitenciárias? 6. Qual o papel da educação na ressocialização? 7. As prisões conseguem entregar presos melhor do que recebem? 8. Por que vocês acham importante o preso ter esse aprendizado, esse trabalho? 9. Os projetos reduzem a reincidência no crime? 10. Só oferecer oportunidades de trabalho é o suficiente pra garantir que os presos tenham chance de voltar pra sociedade? (Existe alguma terapia pra falar sobre os crimes que cometeram?) 11. O ambiente Cria o preso? Eles terem um ambiente bom, de ressocialização, faz eles terem mais esperança?
Entrevistado 4: Sérgio Fonseca - Secretário de Administração Penitenciária/PB	1. Os dados mostram retratos comuns da população carcerária. Como vocês enxergam esses dados? Vocês conseguem interpretar problemáticas sobre o perfil de quem compõe o sistema? 2. Qual a situação da população carcerária atualmente? Quais os crimes mais incidentes entre homens? E entre mulheres? 3. Pela plataforma que mapeia a situação das penitenciárias, a maioria está com a população acima da capacidade. Como vocês enxergam essa situação? Como buscam resolver esse problema? 4. Qual a filosofia da seap?

	5. As pessoas saem melhores daqui? Sem cometer mais crimes? 6. Há muita reincidência? Como é receber gente que vai e volta várias vezes? 7. Qual a relação desses dados com a violência social como um todo?
Entrevistado 5: Ministério Público - Ricardo José - promotor da Promotoria de Justiça da Tutela Coletiva do Sistema Prisional e Direitos Humanos	1. Qual a importância da garantia dos direitos para a população em situação prisional? 2. E qual a importância da ressocialização para os presos? 3. O MP elaborou uma cartilha sobre a importância do trabalho para os presos. Como é que o trabalho é fortalecido dentro do cárcere? 4. Qual o papel do estado na hora de mudar esse panorama que se repete? 5. A gente vê uma repetição muito grande no retrato da população carcerária: baixa escolaridade. O que significam esses dados? E qual a relação entre a escolaridade e a entrada de jovens no mundo do crime? 6. FALA DO PROMOTOR SOBRE OS PROJETOS, IMPORTÂNCIA DE OS PRESOS TAMBÉM ATINGIREM EDUCACIONAIS 7. Manter tanta gente presa não é uma política superficial e fácil de combater a criminalidade? 8. esses dados não mostram que são pessoas que sofreram várias negações de direitos? Como, por exemplo, o direito a educação? Porque se um homem, maior de idade, sequer terminou o ensino fundamental, a gente não vive um problema estrutural? Onde estava o poder público na hora que essa criança deixou a escola e não voltou mais? 9. o retrato da população prisional paraibana é um retrato de injustiça social?
Entrevistado 6: Rebecka Tannuss - LAPSUS UFPB	1. O que a gente pode refletir sobre esses dados de raça e escolaridade? Por que a população parda e negra, com baixa escolaridade, é a mais afetada por esse complexo prisional?

	2. Quais os problemas que a superlotação em presídios ocasiona? 3. Muitas mulheres acabam presas levando droga para parceiros nas prisões. O que faz essas mulheres cometerem esse tipo de delito? 4. Nós vivemos um momento de guerra às drogas e mesmo assim um dos delitos mais comuns é o tráfico. Por que esse ainda é um crime tão comum? 5. O que a gente consegue problematizar? Esses dados mostram um retrato de vulnerabilidade? 6. Qual a relação desses dados com a violência social como um todo? 7. A construção da figura do criminoso tem relação com os problemas político-sociais que a gente vive? Racismo, problemas na educação, machismo... 8. Isso também não constrói uma imagem de que pessoas, homens e mulheres negras e pardas, com baixa escolaridade, são inimigos do estado penal?
Entrevistado 7: Juliana Borges - Estudiosa do tema Racismo e Encarceramento	1. As formas de violência racista são diferentes em cada situação. Esses dados que mostram que boa parte da população carcerária é preta ou prata mostram um tipo de violência? 2. Como as estruturas sociais (educação, mercado de trabalho, sistema criminal) institucionalizam o racismo? 3. O que você entende que faz tantos negros e pardos a cometerem crimes? Marginalização política, econômica... Educacional? 4. Juliana, você fala que as prisões são máscaras da sociedade. O que é que as prisões escondem? Que realidades que os dados evidenciam?

APÊNDICE B

MANUAL DE INSTRUÇÕES PARA GRAVAÇÃO DE VÍDEOS
Vídeos sempre na horizontal (celular deitado)
Escolher um ambiente iluminado e sem ruídos (para os sons não atrapalharem a gravação)
Atenção para o ângulo: não deixar muito espaço entre a cabeça e o limite do espaço da gravação; não gravar muito distante: até pouco abaixo dos ombros

APÊNDICE C
ROTEIRO DE EDIÇÃO

VINHETA: SENTENCIADOS

SNR *(no vídeo 1 até 0:27)*

JOÃO SILVA

ex-presidiário

[IMAGENS + SOBE SOM]

[OFF] POR TRÁS DAS GRADES DAS PENITENCIÁRIAS PARAIBANAS, MAIS DE 10 MIL APENADOS SONHAM E LUTAM PARA NÃO PERDER A ESPERANÇA EM UMA NOVA CHANCE APÓS RECONQUISTAR A LIBERDADE E VOLTAR PARA A RUA.

[ILUSTRA DADOS]

[OFF] FOI O QUE ACONTECEU COM JOÃO, NOME FICTÍCIO QUE VAMOS DAR A ESSE EX-REEDUCANDO QUE PREFERE NÃO SE IDENTIFICAR POR CAUSA DO PRECONCEITO CONTRA EX-PRESIDIÁRIOS. /

FOI A ESPERANÇA DE UMA NOVA VIDA LONGE DAS PENITENCIÁRIAS QUE O MANTEVE AFASTADO DO MUNDO DO CRIME AINDA DENTRO DA CADEIA.

SNR *(“é uma faculdade, um aprendizado do que não presta”)*

JOÃO SILVA

ex-presidiário

[IMG PRESOS + SOBE SOM]

[PASSAGEM] A REALIDADE DIFÍCIL QUE OS TROUXE PARA DENTRO DO CÂRCERE TRAZ OUTROS PROBLEMAS E LACUNAS, MUITAS VEZES NÃO PREENCHIDOS PELO PODER PÚBLICO. ESSE É O RETRATO QUE NOS MOSTRAM OS DADOS DE EDUCAÇÃO DA POPULAÇÃO PRISIONAL DA PARAÍBA.

[OFF + ILUSTRA] DOS 11.631 PRESOS HOMENS, MAIS DE 10 MIL NÃO POSSUEM O ENSINO MÉDIO COMPLETO.

8% SÃO ANALFABETOS. 15% SÃO APENAS ALFABETIZADOS E MENOS DE 1% (0,29%) TEM ENSINO SUPERIOR COMPLETO.

ENTRE AS MULHERES, 47% SÓ CURSARAM ATÉ A ALFABETIZAÇÃO. 17% TEM O ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO E MENOS DE 1% CURSO SUPERIOR.

SNR (“é uma realidade, mas o governo vem trabalhando muito. Nós criamos um planejamento estratégico e nosso maior objetivo é gerar a reintegração social)

SÉRGIO FONSECA

secretário da SEAP-PB

SNR (Vídeo 6 “são pessoas que são privadas do básico”)

JOÃO SILVA

ex-presidiário

[OFF] ONDE O ESTADO NÃO ATUA COM POLÍTICAS PÚBLICAS, O CRIME ENTRA. JULIANA BORGES É PESQUISADORA E AUTORA DE DOIS LIVROS SOBRE O ASSUNTO. ELA EXPLICA A RELAÇÃO ENTRE A DESIGUALDADE SOCIAL E O PERFIL DOS PRESOS. //

SNR (Essas pessoas são invisibilizadas pelo estado social e(...) e quando retornam não conseguem ingressar no mercado de trabalho (...) a reincidência é altíssima // Fala de juliana vídeo 2 1.55 “quando eu falo que as prisões são espelhos da sociedade é porque elas vão dizer quão falha nossa sociedade está sendo na garantia de educação, de habitação, de direitos constitucionais”)

JULIANA BORGES

pesquisadora

[OFF] A MAIORIA DOS APENADOS DA PARAÍBA TÊM ALGO EM COMUM: O BAIXO NÍVEL DE ESCOLARIDADE. MUITOS SEQUER CHEGARAM AO ENSINO MÉDIO.

SNR (vídeo 4 0.40 “isso demonstra não que essas pessoas não quiseram acessar ou permanecer na escola, mas uma falha social em garantir à essas pessoas quais foram os mecanismos que fizeram essas pessoas não compreendessem a escola como um espaço de direito, da sua permanência)

JULIANA BORGES

Pesquisadora

[OFF] A PROMOTORIA DE EDUCAÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO DA PARAÍBA ACOMPANHA DE PERTO AS AÇÕES REALIZADAS DENTRO DAS PENITENCIÁRIAS PARA MELHORAR A ESCOLARIDADE DOS PRESOS.

SNR

RICARDO JOSÉ

promotor Ministério Público da Paraíba

[OFF] DEPOIS DO CUMPRIMENTO DA PENA OU DE UMA NOVA DECISÃO NO PROCESSO, OS REEDUCANDOS SAEM DOS PRESÍDIOS SONHANDO COM UMA NOVA VIDA, NOVOS CAMINHOS, QUE SÃO OFERTADOS PELOS PROJETOS DE INCENTIVO AO ENSINO.

SNR (falando por que investir na educação dos

presos) JOÃO ROSAS

gerente de ressocialização

[PASSAGEM] PARA PARAR ESSE CICLO OU PELO MENOS REDUZIR A REINCIDÊNCIA DOS REEDUCANDOS, A SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA E O MINISTÉRIO PÚBLICO DA PARAÍBA TAMBÉM DESENVOLVEM TRABALHOS VOLTADOS PARA A RESSOCIALIZAÇÃO POR MEIO DO MERCADO DE TRABALHO.

[OFF] APESAR DE ESSENCIAL NO PROCESSO DE RESSOCIALIZAÇÃO, AINDA NÃO HÁ ESTRUTURA PARA OFERECER TRABALHO A TODOS OS PRESOS.

SNR

JOÃO ROSAS

gerente de ressocialização

SNR (Vídeo 7 – 0.46 até o fim falando sobre o trabalho, que ele foi privilegiado por ter trabalho mas que nem Todos tem)

JOÃO SILVA

ex-presidiário

[FADE]

[SOBE SOM – IMG CASTELO DE BONECAS]

[PASSAGEM] DE ACORDO COM A PLATAFORMA DO DEPEN, CERCA DE 40% (43,98%) DAS PESSOAS PRIVADAS DA LIBERDADE NA PARAÍBA SÃO INCIDENTES DE CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO; 25% (24,69%) CONTRA A PESSOA E 18% RELACIONADOS À DROGAS.

[OFF] JÁ NO RECORTE DE GÊNERO, 56% (55,81%) DAS MULHERES ESTÃO PRESAS POR CAUSA DE DROGAS E 44% (44,34%) DOS HOMENS POR CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO

[PASSAGEM] NA PENITENCIÁRIA FEMININA JÚLIA MARANHÃO, MULHERES - JOVENS, MÃES, AVÓS, VIVEM RECLUSAS DA SOCIEDADE. CÉLIA FERNANDES, REEDUCANDA, CUMPRE PENA POR TRÁFICO, ASSIM COMO A MAIOR PARTE DA POPULAÇÃO CARCERÁRIA FEMININA NO ESTADO.

SNR

CÉLIA FERNANDES

reeducanda

SNR (*prisão de mulheres*)

REBECKA TANNUSS

coordenadora do LAPSUS – UFPB

SNR (*vídeo 3 tipos de crime e como isso perpetua a desigualdade*)

JULIANA BORGES

pesquisadora

[SOBE SOM]

[OFF + CRÉDITO NA TELA] OS DADOS TAMBÉM MOSTRAM QUE BOA PARTE DA POPULAÇÃO PRESA É PRETA OU PARDA, UM ALERTA PARA O RACISMO ESTRUTURAL. //

SNR (*vídeo 2 0.25 “as instituições não criam o racismo, elas reproduzem”*)

JULIANA BORGES

Pesquisadora

[PASSAGEM] THIAGO TAVARES SENTIU NA PELE ESSE RACISMO. FOI ACUSADO DE COMETER ASSALTOS NO MUNICÍPIO DE SANTA RITA DEPOIS DE PASSAR PELO RECONHECIMENTO FOTOGRÁFICO, QUE É QUANDO FOTOS DE UM SUSPEITO SÃO APRESENTADAS ÀS VÍTIMAS DE ALGUM TIPO DE CRIME. MESMO COM A FAMÍLIA TENDO VÍDEOS QUE MOSTRAM O JOVEM EM CASA NOS HORÁRIOS DOS CRIMES, THIAGO PASSOU 2 MESES NA CADEIA.

SNR (*contando sobre a situação*)

THIAGO TAVARES

ex-presidiário

SNR (*sobre o caso*)

REBECKA TANNUSS

coordenadora do LAPSUS – UFPB

[OFF] NA PARAÍBA, O NÚMERO É ALARMANTE. // DOS QUASE 12 MIL APENADOS, / MAIS DE 9 MIL SÃO PRETOS OU PARDOS. // O QUE REPRESENTA QUASE 80% (77,40%) DA POPULAÇÃO CARCERÁRIA DO ESTADO. //

SNR (*falando do porque existem mais pessoas negras no sistema*)

RICARDO JOSÉ

promotor Ministério Público da Paraíba

[FADE]

[SOBE SOM]

[PASSAGEM] É NA RESSOCIALIZAÇÃO QUE OS PRESOS ENXERGAM UMA NOVA CHANCE. A IDEIA É QUE ELES APRENDAM UMA NOVA HABILIDADE PARA QUE POSSAM PRATICAR QUANDO SAÍREM PARA SUSTENTAR A FAMÍLIA DE FORMA HONESTA.

SNR

JOÃO ROSAS

gerente de ressocialização

[OFF] PRA QUEM ESTÁ DO LADO DE FORA, O TEMPO PASSA RÁPIDO (COBRE COM IMAGENS AVANÇADAS DO CENTRO), MAS PRA QUEM ESTÁ LÁ DENTRO, SÃO DIAS, MESES E ANOS INTERMINÁVEIS.

SNR *(a prisão é um lugar de sofrimento, de solidão... mas também aprendizagem...)*

CÉLIA FERNANDES
reeducanda

FIM DE OFF.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Discente: Larissa Maia Lima

Matrícula: 20170054155

Título do Trabalho: REPORTAGEM ESPECIAL SENTENCIADOS: UM RETRATO DO SISTEMA PENITENCIÁRIO DA PARAÍBA

Professor (a) orientador (a): Dra. Fabiana Cardoso de Siqueira

Declaro, a quem possa interessar, que o presente trabalho é de minha autoria e que responderei por todas as informações e dado nele contidos, ciente da definição legal de plágio e das eventuais implicações.

João Pessoa, 19 de Julho de 2021

Larissa Maia Lima

Assinatura do (a) discente